

Depoimento Vera Furtado 07052014

Presentes: Profa. Papali, Profa. Valéria Zanetti, Sra. Suzi Weiss, Sra. Vera Furtado, Fred Papali.

Local: Laboratório História- IP&D – Univap



A Sra. Vera informa que trouxe mais algumas fotos da Escolinha, que deixa para digitalização. São fotos da Escolinha, de exposições, algumas quando era ainda no Grupo, que ela trabalhou com adolescentes.

Nas suas palavras: *... fiz uma peça de teatro com eles, na qual eles inventaram a história, a gente dividiu, tinha um diretor, a pessoa do cenário; nós confeccionamos todas as roupas, de acordo com os personagens, e eles se apresentaram na própria escola, para as crianças. Eu soube que um desses aqui, foi ser ator. Olha que interessante!*

Falando das fotos: *Essa aqui foi de um passeio também, num sítio, de uma das mães das crianças; passamos um dia. Essa aqui (foto) trabalhava comigo, era a Roselí, que tem ela até já em algumas fotos aí. Trabalhou muitos anos na Escolinha. Dessa turma, porque nós tínhamos duas turmas. A turma terça e quinta e uma outra turma segunda, quarta e sexta. Essa aqui é do mesmo passeio. Aqui uma festividade, que nós fizemos, que foram convidadas as mães, tudo; sempre a gente fazia aniversário. Essa daqui foi bem do começo que eu estava na Escolinha, em 74, 75; que a Vera, que é uma artista, que ela foi aluna da Escolinha. Ela foi lá me dar uma ajuda, que a gente pintou todos esses vidros, ficou muito bonito, muito decorativo. E um período também em que, a Escolinha de arte, no último lugar que nós estávamos, que foi aqui (foto), você já tem até foto dela aí.*

*Esse aqui foi um aluninho, que ficou regendo a banda; era também aluno, filho de uma amiga minha, argentina, que era aluno de lá. Então, houve esse período de mudança, que eu estava me lembrando, em que a Escolinha de arte estava ociosa na parte da tarde. E eu já conhecia todas as mães ali, já estava há*

*alguns anos na Escolinha, e aí eu disse: sabe de uma coisa, - sempre as turmas eram só pela manhã, e as tardes todas vazias. E aí eu inventei, de levar ??? – ótimo, melhor, e nós demos vários cursos para as mães, demos um curso de cortiça, fazerem uma série de objetos cobrindo de cortiça, várias aulas; acho que eram umas cinco ou seis aulas e no fim eu disse: não, vocês professoras que eu levei para dar aula, deram e agora as duas últimas aulas vão ser de criatividade. E aí saíam as coisas mais interessantes, mais malucas, sabe? Com selo, com casca de ovo. Porque eu gosto é dessa invenção, semente ..., utilizar tudo. Aí elas adoravam, ... aí, podíamos continuar mais ..., digo, bom gente, já foi dado. Nesse período acabado o de cortiça, me lembro que nós tivemos quatro cursos, depois tivemos de silk screem, gravar em roupas, ... saíram coisas maravilhosas. Tivemos um de vela, e um professor que foi dar lá de argila. Mas esse deu pouco tempo, deu umas cinco aulas. Então foi muito interessante, muita agitação, aquele mulheril. E eu me lembro de um episódio interessante, que é uma comadre minha, ela que ia dar aula de cortiça, e a partir de uma certa semana nós começamos a ter delírios, sabe? Uns sonhos muito esquisitos e aí ela falou: Vera você está sentindo, eu ando tão esquisita, tendo uns sonhos assim de repente. Aí eu disse: eu também, e descobrimos, era a cola de sapateiro. Todas as alunas abriam a cola pra colar e nós ficávamos ali cheirando. Saía uma turma, depois vinha outra no outro dia, aí eu digo: é a cola. Porque esses meninos cheiram e ficam doidão, né? Aí eu digo, gente, todo mundo vai usar essa cola mas ..., porque tem que ser com essa cola. Porque ela é bem aderente mesmo. A gente fazia com espelho também, usava folhas de eucalipto, pra recobrir cachepots, caixas. E aí nós começamos, abre, tira o que precisa e fecha. Porque, várias latas abertas ...*

Perguntei sobre um trabalho com um material colado, granulado e achei que aquilo fosse um material que hoje não existe mais, que é o material que sobra da perfuração de cartões de computador . Suzy diz que o que sobrava da perfuração de cartões de computador era de formato retangular. Vera sugere que seja o que sobra da perfuração de papel, mas explico que esse a que ela se refere tem um tamanho maior e esse a que me refiro é pequeno, bem menor.

Vera continua: *... as crianças inventavam muita coisa, sabe? criavam, misturavam coisas; de vez em quando saíam uns resultados assim inesperados, sabe?*

Fred: é interessante que eles tinham, porque elas professoras providenciavam e Vera responde: *ah sim, nós providenciávamos.*

Suzi diz: *era engraçado que todo lugar que a gente ia, a gente procurava materiais pra aproveitar, lembra?*

Vera: *aproveitar lixo. E as sucatas que nós pedíamos? Eles traziam tudo de casa. Algumas mães ficavam horrorizadas, sabe? E eu então que era assim bem franca assim com elas, eu queria saber qual é o uniforme dessa escola e eu dizia: essa escola não tem uniforme. Aliás, sabe aquela roupa que a senhora ia dar; sabe antes? Porque já estava velha ou manchada? É essa que é a roupa da Escolinha. Porquê? E eu dizia: porque seu filho cada dia vai voltar de uma cor; um dia roxo, outro dia vermelho, lilás, então vai estar descalço, a única coisa que eu quero é uma muda de roupa permanente. Não é? Porque eles ficavam num estado e muitas vezes tinha que dar banho de mangueira. Não tinha jeito, pintura a dedo ... eu me lembro de uma experiência que nós tínhamos um senhor que nos fornecia papel da Kodak. Papel fotográfico, e era assim enorme, nem sei a dimensão. E a gente tirava aquele papel, tinha paciência de cortar em quatro, assim, do tamanho que a gente queria. Mas aí um dia eu digo: vamos fazer uma experiência deles, ... enorme no chão e botar uma criança de cada lado, deitada no chão, fazendo pintura a dedo. Aí colocamos a pintura a dedo, ... aquilo é uma goma, uma massa, cola e tinta não é? Aí colocamos cada um de um lado, levantava a amarela aqui, azul, vermelha. E não sei que horas que chegou, que eles misturaram tanto, e ficou uma cor só, ficou roxo. Entendeu? Misturavam o preto*

com o amarelo, com vermelho, e ficou roxo. Daí, um deles resolveu começar a andar em cima. Era grande, assim mais largo que essa mesa, bem grande, ficavam deitados no chão, começaram a andar. Andar e achavam aquilo o maior barato, não é? os pezinhos marcando, mexiam com as mãos, faziam ..., apagavam, a pintura deles tinha uma vantagem, não é? Eles trabalham, depois eles apagam, aí fazem de novo. Quando acabou essa experiência, eles estavam, ...a maioria das meninas estavam só de calcinha, ... iam tirando a roupa, e com calor, descalços, eles começaram a rolar nessas tintas. Deitavam. E rolando, a felicidade era uma coisa, gravado, não tinha quem não se alimentasse com aquilo não é? Daí eles começaram a rolar e dar gargalhada, e rolavam pra cá, outro pra lá. Você imagina a cor que essas crianças ficaram. E nessa época essa Roseli, que está aqui (foto), era assim a mão direita, não é? Aí a Roseli: veja como é que nós vamos fazer? E eu digo: o jeito é dar banho, ... eles tinham, todos tinham uma mochila com toalha, sabonete, calcinha, porque as vezes faziam xixi, porque nós tínhamos várias faixas etárias, inclusive de um ano e meio, digo algumas crianças de um ano e meio. Dois anos. Aí, eu digo: vamos dar banho depressa, aí demos banho, enxugamos eles e tudo ... e aí enrolava aquela roupa daquela cor num pacote para os pais levarem, pra lavar e trazer outra. Como eu disse: cada dia vai de uma cor. Mas eles, assim, amavam essa escolinha. Sabe assim, é ...de sonhar e tudo. E aí um dia um dos meus aluninhos foi pro Rio, teve um problema qualquer de apêndice e foi operado. E quando ele acordou ele dizia: Vera, Vera, eu quero a Vera, não é? Aí os pais, nossa! ...e depois que ele ficou bom, ele disse: porque você estava chamando pela Vera? Vera da Escolinha de arte. A minha amiga. Porque ele queria que eu estivesse lá, porque a Escolinha era assim a boa lembrança deles. Onde ele tinha espaço de verdade, respeito. Eles amavam. Eu tive também nessa época o filho de um psiquiatra. Do CTA não é? Médico, não é? Foi lá um dia, meio bravo, meio revoltado: eu queria falar com a responsável, a professora daqui e eu digo: sou eu. E a responsável daqui? e eu digo: também sou eu. E você é a professora? Sou tudo, Professora, faxineira, sou o que o senhor quiser. Aí ele disse: então, eu vim aqui porque queria saber o que a senhora faz aqui. Porquê, meu filho, eu tenho que trazer este menino, sábado, domingo, feriado, aqui na frente da Escolinha, pra ele ver que você não está e que a Escolinha está fechada. Aí ele disse: ele não acredita quando eu digo que não tem aula, que não é o dia, e eu tenho que trazer. Então eu estou curioso pra saber o que é que a senhora faz aqui com essas crianças, que ele tem essa fixação, essa paixão. Aí eu digo, um médico vem falar nesses termos, não é? Eu disse: possivelmente eu faço tudo que o senhor não faz. O senhor dá tinta pra ele? Não. Conta história pra ele? Não. Canta com ele? Não. Vai pro chão com ele, brincar na areia? Joga bola? Faz teatro? Aí fui dizendo um milhão de coisas que a gente faz. Trabalha com argila com ele? Deixa ele descalço a vontade? Comer a vontade, cantando? Criando coisas na cabeça? Ele disse não, eu digo: provavelmente é isso. Não é? Na sua casa não tem isso. Eu digo: e na sua casa tem espaço pra ele fazer uma série de coisas? Sujar no quarto dele, ele disse: também não, eu digo: pronto, então está respondido a sua pergunta. Não é? Só que nós somos professoras preparadas pra trabalhar isso aqui. Nossa função é atender a criança, é incentivar, ...aí ele: é, realmente agora eu estou entendendo porque que meu filho quer vir aqui todo dia. Ele depois até matriculou, era segunda, quarta e sexta e terça e quinta, aí ele matriculou os outros dias.

Mas a Escolinha realmente era um lugar de felicidade para aquelas crianças.

Fred: e foi assim durante quanto tempo? Vera: foi assim, é, foi!

Eu me lembro de um dia que um aluninho pegou uma argila, eles trabalhavam com argila. Depois a gente inventou uma técnica de pintar com guache, mas o guache não segura, não é? Aí nós misturávamos com cola, não é? Cola branca, e eles pintavam. E depois dessa pintura a gente passava mais cola. Só cola por cima. Pois olha permaneceu, ainda há pouco tempo eu encontrei uma peça que foi da Escolinha, não é? Pintada ainda permaneceu, não saia, não é? Aí eles adoravam. Mas nesse dia um aluninho pegou um pedaço de argila e atirou no quadro. Aí atirou, num quadro grande, não é? Atirou e

pregou. *Aí os outros disseram: ah, eu também quero. Eu digo: pode! Todo mundo pode. E foi um tal de atirar pedaços de argila; encheu o quadro de argila e eles às gargalhadas, não é? Aí quando acabou eu digo: foi bom, está bom? Estão satisfeitos? Pois agora nós vamos todos tirar as bolinhas, e limpar o quadro, lavar o quadro. (Risos) Poder, pode, mas também tem de assumir a bagunça que fez, não é? Outra vez foi andar em cima da mesa, eu permiti. Eles queriam andar, eu digo: é uma coisa tão besta, o que é que tem? Não vai acabar com a mesa. Só com cuidado pra eles não caírem. Também a mesa era baixinha, tudo baixinho. Então eles tiveram experiência de andar, pra lá e pra cá, e se abraçavam e gargalhavam. Também criança é assim, eles, quando você diz sim, e permite, com vigilância e explica, o perigo é cair, tudo, eles aceitam numa boa. Então eu permiti, outras eu permiti, não é? Também precisou de banho depois, um senhor banho. Foi que havia chovido, uma chuva pesada, aí a gente teve de ficar dentro da Escolinha. Quando terminou a chuva, ficou aquelas poças de lama, na parte externa da Escolinha e fora. Aí o menino foi pisar e aquela lama subia. Aí ele disse: Vera, a gente pode? E eu digo: pode, todo mundo pisar essa lama. Só tinha o olho do lado de fora, pisava a lama vinha... não é? Ficaram todos mesmo mais felizes, não é? É uma coisa que até adulto tem vontade de fazer, não é? Nunca fez. E eles fizeram tudo ... e aí depois a gente ..., agora vamos tomar banho que daqui a uma hora os pais de vocês vem buscar, agora eles não deviam entender, toda aquela roupa suja que chegava lá, um dia de tinta, outro dia de cola, outro dia de vela, outro dia de lama, não é? Então, a Escolinha era assim, era uma liberdade vigiada, uma responsabilidade com responsabilidade, uma liberdade de respeito ao próximo. Desde o brinquedo, não é? Aí as mães: não, mas a minha filha foi mordida e eu digo: essa é uma etapa, faz parte. Eles saem de um ambiente deles, onde eles são os donos, são egoístas e vão ter que dividir com o grupo. Então, aí o trabalho grande na Escolinha, isso aqui é de todos, não é só seu. E aí é a socialização da criança. Ele vai ter que aprender a dividir. E aí quando você acabar ele vai mudar. E a Ivonne adorava, me lembro de muitos lances com a Ivonne, lá na Escolinha de arte, e um deles foi que a Ivonne chegou, sentou; ela ia lá de vez em quando, ia conversar comigo e ver, e as crianças iam surgindo em torno dela e começavam a fazer perguntas e a Ivonne respondia. Aí uma delas chegou: tu é tão gorda né? Aí ela disse: tô. Aí ela disse: mas eu sei porque que tu é gorda. Aí ela disse; a Ivonne provocava sabe, ela queria ver até onde ia, não é? Aí ela disse: eu sei porque que tu é gorda, tu deve comer muito, viu? A Ivonne dava gargalhada, sabe? Criança tem dessas franquezas, não é? Dessa inocência e naturalidade. Quem estraga é o adulto, não é? Com mentira, com tudo.*

*E tínhamos esse brigadeiro Menezes também, acho que era Menezes; louco pela Escolinha. Eu fui várias vezes com a Ivonne lá. Pedi uma bandeira, ele mandou. Pra Escolinha. E ele dizia que quando estava com a cabeça muito quente ele largava tudo e ia na Escolinha. E ele andava e circulava: vocês estão fazendo o que? Ele foi umas três vezes na Escolinha, e uma das vezes eu estava no telefone e vi o carro chegando. Por causa das bandeirinhas no carro, assim balançando, bandeirinhas do Brasil. E aí eu digo, eu disse pras crianças: o brigadeiro está vindo aí. E as crianças trabalhando, tudo, aí ele entrou, parou, entrou: e aí criançada? Como vai? Estou bem, tudo e cercavam ele, e faziam perguntas, e aí teve um menino que disse: tu é soldado de verdade, é? Aí ele disse: sou! Ele adorava, só ele se divertia com isso. Sou, sou soldado sim. Aí outro perguntava: e porque que tu usa essa roupa? E perguntavam tudo e aí ele respondia, pacientemente, mas curtindo, sabe? Aí teve uma lá, a Mariana filha da Adélia, chegou pra ele e disse: tu é brigadeiro? Ele disse: sou! Ela disse: brigadeiro de verdade? Ele disse: de verdade! Aí ela disse: a gente pode te comer? (Risos) Os adultos todos riram, e ele aguentou e ela ainda pegou nele assim: a gente pode te comer? Brigadeiro pra ela era doce de verdade. Porque ela ainda perguntou: de verdade?*

*Então a Escolinha assim, pra um adulto, que é com sensibilidade, aquilo é ..., captar tudo que as crianças ensinavam pra gente. Porque eles tem muita sabedoria, e eu tive muitas lições com crianças e uma delas foi com a Roseli. Eu me lembro de uma criança, ainda era no Grupo, ela adorava fazer barulho, tinha uns*

*brinquedos de tambor, esse menino era alucinado por barulho. Ele só fazia barulho. Aí a gente; aí teve uma hora que o pessoal do Grupo as vezes vinha lá reclama. Aí eu disse: olha, gente, eles estavam tão agitados nesse dia, aí eu disse: eles não estão agitados, eu estou agitada. Eu devo estar transmitindo isso pra eles. Aí eu sentei em roda e disse, vamos, ... aí comecei a falar bem baixinho, vamos começar, ... hum? Hum? Hum?? Aí fui baixando o volume e aí eu disse: vamos contar uma história, falando baixinho. Aí daí a meia hora, claro, todos estavam calmos, antes era eu, não é? Que estava agitada. Daí, esse menino, começava a fazer barulho, etc. e tal, ele perguntando se fazia barulho, e a turma de lá em aulinha, não é? Aí daqui a pouco vinha uma professora; olha, dá pra diminuir o barulho, que a gente está dando aula aqui ... Roseli, o que que a gente faz? E ela: deixe que eu resolvo. A Roseli tinha uma filosofia inata, sabe? Não era de escola de educação, é ela, era uma professora inata. Aí ela se aproximou e disse: nossa como eu gosto tanto, como você bate bem, (e eu observando, não é?). Como você toca bem tudo. Agora, você não já cansou de bater nesse tambor? (e fazia um barulho danado), que tal você bater no chão? Com os pauzinhos? Aí ele foi pro chão. E que tal no pneu? Ele voltou pro pneu. Aí foi uma beleza! Porque o barulho do pneu era ótimo. Não atrapalhava nada, não é? Então, as crianças tem..., ela conduziu com uma sabedoria, sabe? Não tirou o incentivo da criança, que era muito ativa, e tudo e que gostava de barulho, e por aí foram, as coisas que eles diziam pra gente, não é? Com franqueza e com inocência, mas, que tem muito ..., eu adorava trabalhar com crianças, mas assim, adorava, adorava. E eles diziam assim, verdade, hoje você está com pressa, você vai sair? Eu disse porquê? Não, você já está arrumando isso; quer dizer, eles vão lembrando a você cada coisa, principalmente no espaço. Eles observam tudo. Aí a gente pedia muita sucata, pra trazer tudo; o que tivesse. Botão, roupa. Aí eu montei um guarda roupa, de por tudo, não é? E os pais mandavam, tudo, e nós montamos um local em que tinha, todo o uniforme do pai, de homem, tinha paletó, gravata, camisa de manga comprida, e tudo. Meia, sapato, e montamos pras meninas. Eu fiquei pedindo aos pais e eles mandavam. Iam mandando. E tinha uma menina, que ela passou, pelo menos um mês, Suzi, até que ela largou. Ela chegava na Escolinha, ela se vestia todinha de noiva. O vestido era branco, e ela disse que era noiva. Sou noiva; parece que estou vendo a carinha dela. Aí botava o véu, botava aquele vestido comprido de salto alto e saía, andando pela Escolinha, puxando o sapato, porque o sapato era grande. E alto. Mas essa menina curtiu esse negócio dessa, de ser noiva. Durante um período grande sabe? Aí de vez em quando ela deixava um pouco, e daí uns quatro ou cinco dias ela: cadê o vestido? E se vestia. E eles se vestiam pra fazer teatro, tinha também algumas caras de bicho, e tudo e, eles adoram. E tinha tudo, batom, esmalte, sabe? Tudo isso que criança não vai catar da mãe pra usar, não é? Porque é a imagem da mãe é importante, e a do pai. Os meninos botavam gravata, aquelas camisas compridas, ...*

Fred: eles fazem muito isso nessa idade, não é?

*Vera: fazem, muito isso de imitar. O adulto é a imagem pra eles, é o pai, é a mãe, não é? São os focos. Então, eu achava muito interessante, a gente fazia até uma peça aproveitando uma peça de teatro, não é? E, fazia também muita brincadeira criativa, assim, arrumava as cadeirinhas, aí eles sentavam e eu dizia: vamos passear, vamos pra Taubaté, vamos ..., aí entrava no trem, cantavam músicas e tudo, e eles iam cantando, e tudo. Agora parou em Taubaté; a gente vai aonde em Taubaté? Mas principalmente pra ensinar nomes, assim grandes: Pindamonhangaba, sabe? Caraguatatuba, aí eles ficavam repetindo. Tem alguns nomes mais difíceis, não é? E eles adoravam. Aí dizia: Vera, agora nós já chegamos em Pinda, vamos descer, vamos comprar um picolé. Vamos, picolé de que? Picolé de nuvem, picolé de açúcar, picolé de morango, aí todo mundo vinha chupando. Mas, olha, quando você trabalha a imaginação da criança, é impressionando como ela, ela parece que está vivendo, ela pegava o picolé, chupava o picolé. É de imaginação, não é? De nuvem, picolé de nuvem. Então, é muito bom trabalhar com criança. E é assim, eu já vinha com esse trabalho do Rio. Não é? Quando eu cheguei aqui, em 72, eu trabalhava na Escola de arte Girassol, era uma escola bem badalada, assim, no Leblon, entendeu? Famosa, o pessoal*

*todo era de lá, da Escola de Arte do Brasil, não é? Tudo amigos, e fizeram estágio lá as professoras e os diretores, e era um pessoal assim, bem pra frente. Me lembro que na época, era uma escola diferenciada no Rio de Janeiro. Era uma escola que, ... também a gente tinha filho de ator, da tv e, cineastas, ...tive aluna filha de cineasta; Caio Mourão artista de joias, pintores. Pessoal assim com cabeça bem mais pra, aberta, pra frente, pra aceitar a escolinha porque inclusive uma professora de música, e as crianças, a gente inventava músicas, nós inventamos algumas músicas. Junto com eles, não é? Então eu já vinha com essa cabeça, assim, aberta, não é? Preparada para trabalhar com criança. Eu abri uma escolinha de arte dentro da AABB, meu pai era do Banco do Brasil, e eu abri, criei uma escola. Uma casa, tudo pequeno, tudo pintado, dentro de um parque. Com brinquedos, que nós tínhamos tudo, inclusive todo o equipamento de trabalhar com madeira, com tamanho apropriado, a serra de verdade, tudo de verdade com peso menor, lá no Rio. E com peso apropriado pra eles, pra trabalhar com prego, com serrote, com tudo, não é? Tinha uma loja no Rio que vendia de tudo, que aqueles de plástico aquilo não resolve nada não é? Então era de verdade. Era de verdade com um peso menor, com um tamanho menor, apropriado pra criança. Então eu já vinha com essa abertura, estava indo de vento em popa, tínhamos várias turmas, saia uma entrava outra, estava muito bem, tinha um local bom de teatro, que a gente fazia teatro, de sombra de tudo, e eles adoravam a escolinha. Também eram duas horas e meia de aula. Ai saia e entrava outra turma. E, eu vim aqui e quando cheguei aqui, fiquei dois dias, ... meu marido foi trabalhar, veio trabalhar na Embraer; eu chorei muito, quando ele chegou estava até deformada de chorar: o que que eu vim fazer aqui. Loja Americana recém inaugurada e PegPag. Eram os pontos quentes. Ai ele disse: então vamos embora, eu volto pro Rio. Eu digo: não, eu não vou voltar, eu vou ficar aqui. Vou me enfiar. E daí eu disse: aqui não tem nada de arte? Ele disse: não, tem uma senhora, se chama Ivonne, mora no CTA. Alguém na cidade, conversando, falou. Tem a Sra. Ivonne, que ela trabalha com arte, com crianças, com arte. Eu lhe disse: é mesmo? Isso foi o que? Vocês tinham quatorze anos (Suzi), 1973, 74. Daí eu disse: onde é que ela mora? Ele disse: mora no CTA. A esposa do Professor Weis. Ai eu digo: se não sou mesmo cara de pau mesmo; eu vou lá. Peguei o endereço, que uma pessoa falou; não, ela tem uma escolinha de arte lá dentro, que ela trabalha, é responsável. Chego lá, apareceu a Ivonne. Oi, você que é a Ivonne Weis, ela disse: sou. Ai eu disse, olha, meu nome é Vera, desculpe a cara de pau de vir aqui na sua casa sem lhe conhecer; é que eu trabalhava com arte, há quatro anos no Rio, tinha uma escola de arte e eu soube que você tem um trabalho aqui, eu gostaria de conhecer o seu trabalho. Ai ela disse: pois não, entre, entra, me recebeu muito bem, conversamos, ela fez uma série de perguntas, se eu trabalhava assim, assim na escolinha de arte Girassol e tudo. Ai ela disse: eu vou te levar lá! Ai já me levou no mesmo dia, lá pra conhecer, era no Grupo, não é? Numa sala só. Essa sala inclusive depois ela me disse que era, que tomaram que era apropriada para trabalhar com alunos com deficiência, de surdez e de tudo, e que iriam tomar porque aquela sala era ... que nem tinha esses alunos nem professor apropriado pra cuidar, ...*

*Suzi: não, aquela sala foi construída para ser escolinha lá.*

*Vera: é, não é? Mas a história lá na época, era que essa sala precisava ser usada pra isso. Quando nós saímos que fomos pro jardim.*

*Suzi: é, isso alguns anos depois, não é?*

*Vera: é, uns anos depois. Daí eu fui e ela disse: tem uma Vera também que trabalha aqui, comigo, e tudo e aí eu fui conhecer o trabalho dela. Ai ela disse no outro dia: é, eu queria que você viesse aqui, na escola em funcionamento. Ai eu fui. Fui e ela disse: você não quer trabalhar com a gente? É nessas condições e etc. e tal. Ai eu disse: eu quero, porque eu não estou fazendo nada, eu preciso preencher, você entendeu? A gente trabalhava feito um..., no Rio corria de um lado pro outro. Ai eu comecei na*

*Escolinha. Comecei e aí a Vera que saiu. A Vera, a outra Vera. Que era emprestada do Estado, sei lá ..., da onde era.*

*Suzi: é, a Vera Cursino.*

*Vera: a Vera Cursino. Aí eu fiquei na Escolinha. Fiquei com as turmas todas, algumas de tarde, outras de manhã. E aí fiquei amiga da Ivonne, não é? Na verdade eu comecei a frequentar a casa, ficamos amigas mesmo. Aí ela disse: você não quer fazer Pedagogia? Ela disse: vai ter o vestibular agora. Aí eu digo: ai, mas eu faz tanto tempo que eu não ..., eu tinha feito especialização lá no Rio, pra trabalhar com crianças, não é? Fiz lá no Jacobina. De um ano. Daí eu disse: está certo! Ela disse: vai, você vai passar tranquilamente no vestibular. Realmente passei, fui, estudei um dia cada matéria, pegava a matéria que ia cair, como, e aí passei e era aluna da Ivonne. Então a gente tinha essa ligação. Ela era minha professora e ao mesmo tempo minha amiga do lado de fora e eu trabalhava pra ela na Escolinha ..., vivia na casa dela. Então vi essas meninas todas crescerem, namorarem, casarem, e acompanhei tudo. Não é? Eu ficava, eu fiquei no meio, filha e mãe, não é? A minha faixa etária. Então escutava a Ivonne, escutava as meninas, e acompanhei tudo, tudo.*

*Fred: nessa escolinha no Rio, comparando com a Escolinha do CTA, as crianças tinham tanta liberdade quanto, ou não?*

*Vera: opa, e como. Inclusive nós tínhamos, na escolinha do Rio, nós tínhamos uma psicóloga, não é? Uma vez por mês ela ia, pra gente levar todos aos problemas, das crianças com determinados problemas, com o pai, então a gente conversava com os pais, via qual era a melhor técnica pra você utilizar com aquela criança, a curiosidade sexual, o palavrão, não é? O período do palavrão é forte, não é? Então a Escolinha se reuniu, e junto com a psicóloga e tudo, ... e o palavrão foi liberado não no sentido de nós usarmos, mas no sentido de não omitirmos a palavra, sabe? Quando eles dissesse: não, não quero esse lanche de cocô. A gente dizia: hoje só tem esse lanche de cocô. A gente repetir a palavra que ele disse. Porque a criança procura muito chocar você, ser agressiva com palavrão, e se você reprime, aí ele sabe que aquilo é uma porta que ele pode usar contra você. Então eu me lembro que nessa época, quando reunimos todos, está liberado, pode dizer o que vocês quiserem. E eles estavam começando a chamar "puta", "não sei que", e foi liberado nesse sentido. Eles dizem e a gente vai dizer: é, mas isso aqui não é de "puta" como você está dizendo. Mas dizer a palavra. Bom, aí eu me lembro que na aula de música eles resolveram fazer uma música, as crianças. Lá no Rio. E essa música era: (canta) araruta, araruta, hei, hei, filho da puta. E eles cantavam deslavadamente, e tudo. E foi uma semana assim. Uma semana e acabou. Ninguém se chocou, ninguém fez nada, eles podiam cantar, acabou o palavrão na escolinha de arte. Então eu vim de uma escola assim, sabe, com abertura, procurando entender e trabalhar a criança, e fazíamos muita coisa. Sabe uma coisa que a gente fez, foi até filmado, saiu na tv e no jornal. Primeiro, a gente tinha uma corda, em que a gente ia pros parques, saía com as crianças da escolinha. Era parque pra isso, pra aquilo, e a gente foi pro Jardim de Alá que era próximo ali do Leblon, Ipanema, nós fomos e dentro de uma corda e um jornalista viu, não é? Eu, a professora, a ajudante e etc. e tal. Tudo, cada um segurando a corda, eles dentro andando, dentro da corda. Sabe, soltos. Não é? Passava aqui assim, porque não dá pra dar a mão pra todas as crianças quando você se locomove. Ai ele achou aquilo interessantíssimo, sabe? E filmou. Outra coisa que nós fizemos também e que foi assim, que chamou bastante atenção, a gente ia nas obras, construções, e falava com o responsável, pra pintar os tapumes com trabalhos de criança. Você não imagina que maravilha que ficava, não é? Aquele tapume branco, não é? No meio da rua, e todo mundo parava pra olhar os tapumes. Não é? Pintado por criança. Claro que antes a gente trabalhava o que nós vamos fazer, como vamos fazer, quem vai fazer o que. Eu faço a cara, eu faço o sol, e aí eles todos assim, com pincel, um*

*monte de tinta, etc. e tal, pintando os tapumes. Então era uma escola que trabalhava bastante com as crianças.*

*Fred: vocês chegaram a fazer isso aqui com o CTA, não?*

*Suzi: de pintar tapume não. De pintar muro, de pintar o próprio vidro da escola, sim, essas coisas sim.*

*Porque que você perguntou da questão da liberdade; você ficou chocado com as histórias e achou que tinha tanta liberdade assim?*

*Fred: não, pelo contrário. Eu me dou muito com criança. Adoro criança. Inclusive brinco.*

*Suzi: uma das coisas que eu lembrei depois da nossa conversa, foi a coisa da liberdade. Tinha muita gente que se assustava vendo de fora o que acontecia dentro da Escolinha.*

*Vera: da Escolinha, era.*

*Suzi: mas a fala, quando a criança ia se matricular, ou nas reuniões, mas sempre acabava sendo nas reuniões de começo de ano, quando começava uma turma e ela fazia a reunião com os pais, porque precisava saber exatamente o que estava acontecendo, porque não entrava e mergulhava na felicidade. A gente tinha que conversar com os pais. Ela fazia as reuniões e explicava pra que que era, o que que era e onde se queria chegar. A Vera falou de sucata e você falou do material diferente, muito mais tarde, que a gente começou a trabalhar com sucata, sucata mesmo. No começo e junto com sucata tradicional, a gente sempre trabalhou com outras sucatas. A história de procurar pedra, de procurar madeira, de procurar semente, casca de bambu e sei lá, era sucata da natureza. Era coisa da natureza. E tinha, eventualmente a gente pedia pros pais revistas. E os pais mandavam pra escola e teve um sujeito que mandou. Era revista pra picar, pra recortar, pra não sei o que, é ... Playboy. Na hora chega lá o pacote, eu trouxe as revistas, é lógico que todo mundo quis ver um pouco, não sei o que, mas também ...*

*Fred: quer dizer, se vocês dessem muita importância pra aquilo,*

*Suzi: olhou e na hora de recolher não aconteceu absolutamente nada. Não apareceu ninguém no outro dia perguntando, mas gente vocês mostraram mulher com o peito de fora pro meu filho, não aconteceu nada. Foi uma coisa assim.*

*Aí eu lembrei que uma das coisas que na época foi ..., tinha um rapaz que eu não consigo lembrar o nome dele, eu só sei que ele tinha uma Garelli, e ele era estudante da escola de arquitetura daqui de São José, e ele foi trabalhar com a gente na Escolinha, ...*

*Vera: ah, um período, eu me lembro,...*

*Suzi: você se lembra desse rapaz? E formou assim um horror,*

*Vera: não era no meu horário, mas eu me lembro dele fazendo um trabalho à tarde, era,*

*Suzi: era à tarde. E aí um homem, ir trabalhar com trinta, ... as crianças com faixas etárias diferentes, misturadas, faixa etária diferente das crianças, aí um homem, pra dar aula pras crianças, não era professor de educação física. Quando é criança pequena, na época, às vezes nem o professor de educação física, a professora fazia tudo. Mas quando veio esse homem, foi um ...,*

*Vera: foi um auê,*

*Suzi: um auê,*



Vera: *mas ele foi um sucesso, as crianças eram loucas por ele.*

Suzi: *ele tocava flauta também, eu não consigo lembrar o nome dele ...*

Vera: *nem eu ...*

Suzi: *eu sei que ele era baixinho,*

Fred: *é um professor que, durante um período foi dar aulas pras crianças na Escolinha,*

Suzi: *era estágio, a estrutura da Escolinha é diferente ..., pelo número de crianças, a gente sempre tinha de dois a três adultos (tomando conta) na sala de aula. Sempre existiam duas ou três atividades acontecendo simultaneamente, então não tinha o professor chefe lá. Quer dizer, tinha o responsável, alguém que , ... o termo que a Vera usou, o braço direito, mas podia estar fazendo outra atividade.*

*Planejamento; não existia um planejamento; o que que eu vou aula hoje? Não existe um planejamento. Não existia isso. O que que eu vou aula hoje? Normalmente os professores ou quem fosse trabalhar com as crianças, normalmente as crianças chamavam os professores ou qualquer adulto que estivesse junto com eles, pelo nome. Era Vera, era Suzi, era Ivonne, era fulano, era sicrano.*

Vera: *nós não éramos tia,*

Suzi: *não era nem tia e um (?) raríssimas vezes chamava de professor. Chamavam noventa e nove por cento das vezes pelo nome.*

Vera: *amiga, você é minha amiga, não é? Sou,*

Suzi: *mas a minha mãe fazia questão, uma questão muito grande de que ficasse bem claro pra quem quer que fosse trabalhar lá de qualquer ..., então era Vera, era a Cidinha, era a Suzi, era a Rose, era a Carla, quem tivesse lá, tinha nome. Pra criança aprender que era um adulto que ia te ajudar e não era o professor.*

*Então não existia o planejamento. O adulto chegava antes, que ele era responsável. Normalmente tinha duas ou três, pessoas e a gente preparava algumas atividades de acordo com a telha de cada um. Então hoje eu vou preparar uma bancada de guache, nós vamos trabalhar com lápis de cera derretido, nós vamos trabalhar com não sei o que. Além dessas atividades de mesas diferentes, e as vezes as crianças não eram obrigadas, mas as vezes era pra circular pra uma atividade ou outra. Se ela não queria circular, ela não circulava. Se ela quisesse ficar o dia inteiro pintando com guache ela até poderia, então, aí no final do dia, a gente fazia um relatório.*

Vera: *relatório do dia.*

Suzi: *o que era que as crianças tinham frequentado, o que tinha acontecido naquele dia, quais as atividades que tinham sido desenvolvidas, e era assim. Então não tinha essa coisa do planejamento.*

Vera: *o planejamento era assim, por exemplo, nós vamos hoje pro sítio da Nereuda, no dia anterior avisávamos a mãe, pedíamos licença. Eu me lembro que eu levei as crianças na Embraer. Aí convidei os pais, pra levarem de carro, pra ajudar e ajudar a gente. Você passear dentro de uma fábrica com criança. Eu consegui e nós circulamos. Fomos num local, cada um com um adulto, mãe, professor e tudo. Aquele grupinho, mas eles ficaram loucos. Passaram no pátio, viram avião, viram tudo. Então em algumas saídas que fizemos, isso sim a gente tinha que consultar os pais, conversar com os pais pra fazer um planejamento pra sair.*

Fred: *mas um planejamento pra cada aula de cada dia,*

Vera: *não, era mais livre.*

Suzi: *às vezes mesmo agente planejando ou pensando, olha, nós vamos fazer isso, aquilo, aquilo outro..., se a criança chega com alguma outra coisa, porque também podia levar brinquedo, podia ir com, sei lá, um chegava lá fantasiado de uma coisa ou não sei o que, e aí todo mundo resolvia que ninguém ia pintar aquele dia, que eles iam fazer teatro, que eles iam viajar de não sei o que, então também tinha isso de o..., dependendo do que tivesse acontecendo no dia. A autorização pros pais, quando a gente saía, normalmente os pais ficavam juntos. Agora sair do espaço escola, isso era autorizado, porque ..., na quadra fazer piquenique, na lagoa fazer piquenique, em baixo dos eucaliptos, pinheiro ou sei lá onde a gente ia passear, isso lá dentro do CTA era autorizado pelos pais de uma maneira geral.*

Vera: *a única coisa assim, de planejamento, mas não era aquele planejamento escrito, era na nossa cabeça, era, por exemplo: a primavera, quando chegava a primavera, então eu me lembro há pouco tempo uma mãe que é amiga minha; eu nem me lembrava que eu tinha sido professora da filha dela; aí ela disse; me contou a história da primavera. Aí ela disse: que a minha filha chegou em casa, Vera, filha da Guti(?), não é? Que trabalha no Gacc; aí chegou em casa; mamãe, a prima da Vera chegou! Aí ela disse: É? (risos). Eu trabalhei tanto com eles, não é? Música de primavera, flores, não é? Eles trouxeram vasinhos com flores, eu mostrava as flores, a gente cantava, e passeava e ia olhar flor, dentro do CTA, onde tinha alguma flor. Então, aí quando eu disse: a primavera chegou, agora vai ser uma época colorida, linda e toda a história, cantava música. Aí, a prima da Vera já chegou! Aí ela disse: é mesmo. No outro dia a mãe foi lá e disse: Vera, você está com uma prima aí? Eu digo: não. Minha filha só fala disso, diz que sua prima chegou. Porque é primavera e eu era Vera, não é? Então, criança tem dessas coisas.*

Fred: *eu ia até perguntar isso, estava aqui na cabeça, vocês sentavam de vez em quando e conversavam, com as crianças, não é?*

Vera: *nossa, roda, sempre. Uma roda no chão, a gente sentava no chão, sobre determinado assunto,*

Suzi: *não era uma coisa obrigatória, mas ela acabava acontecendo ...,*

Vera: *e dali também saía..., você fazia uma roda e eles contavam uma coisa, e dali saía a gente pegar instrumentos, e tocar, tinha instrumentos na Escolinha, não é?*

Suzi: *uma coisa que eu me lembro muito, e ...*

Vera: *aí eles tocavam, ficava todo mundo cantando e tocando...,*

Suzi: *a coisa da música, de trazer música não convencional de escolas. (?) é uma coisa muito forte, aí como criança e depois como professora. Lembrar de aprender dentro da Escolinha de arte, a Banda. A minha mãe cantava algumas músicas, que não eram as músicas que se cantavam nas escolas. As músicas tradicionais. Fugia do atirei o pau no gato, cantava a Banda, tinha outras músicas que ela cantava com as crianças, que lembravam talvez datas ou não, mas tinha coisa de trazer, não era comum trazer música diferente. E esse rapaz eu me lembro que ele tocava flauta e ensinou várias músicas e ele foi um sucesso, não é Vera?*

Vera: *é, foi, foi. A criançada adorava.*

Suzi: *acho que foi quase um ano que ele ficou lá ...*

Vera: eu era num período e ele era noutra, mas o sucesso era falado, dele. Porque chegou uma figura masculina que era importante. Não é? Muito importante para as crianças terem duas figuras. E ele supria essa parte. Que ele era alegre, tocava, um artista sensível. Menino então se dava muito bem. Não é? Com um professor homem. Porque é o mesmo interesse, é bola, é chute, é num sei o que ..., é um outro comportamento.

Fred: mas vocês notaram que houve uma certa, ... um estranhamento talvez, no início?

Suzi: foi, foi, pro meio, no meio foi. Estranhamento. Agora é uma coisa normal, natural,

Fred: uma coisa muito usada hoje em dia, na arte, inclusive no meu curso lá a gente fez isso. Reunir o pessoal pra fazer uma apreciação. Vocês já fizeram isso, faziam isso? Com as crianças? Produziam; pintaram, pintaram, pintaram. Aí, gente, agora vamos colocar a nossa produção ali na parede e vamos fazer uma apreciação.

Suzi: não existia muito essa preocupação não, ela podia até acontecer, naturalmente na mesa quando eles estavam trabalhando, de comentar o trabalho, mas não existia com a finalidade de apreciar. Aí está todo mundo trabalhando aqui e normalmente quando estão trabalhando, eles estão conversando, isso é uma coisa natural, não é? Fazendo alguma coisa eles conversavam. Nossa Vera, que legal o que você está fazendo. Aí um outro fala, não gostei, porque que você não faz não sei o que? Tinha esse compartilhar, mas não de fazer a apreciação. A ideia era essa.

Vera: o que existia na Escolinha assim muito forte, que eu já vim com essa cabeça de lá e a Ivonne era a maior defensora, tanto que depois eu fiz concurso para a Prefeitura e até trabalhar com a Ivonne; Ivonne: vá fazer que eu quero que você trabalhe comigo na Prefeitura. É que a gente odiava, não é? Qualquer forma feita. Sabe esses cadernos que já vem com desenho pra você pintar dentro? Rabinho, uma florzinha, e a Ivonne dizia: mimeógrafo pra mim é pra tocar fogo. Eu tenho pavor de mimeógrafo. Sim, porque quando você já dá uma forma pronta, não é? Você já está cortando, limitando, limita a criatividade da criança. Não interessa se a árvore dela é assim ou assado, é torta, é roxa, é marrom, é preta. A árvore é dela. E a gente tem que respeitar. E outra coisa; que passaram muitas estagiárias, da Faculdade tudo comigo, muitas. Teve várias. E a Ivonne levava pra lá, não é? Pra estagiar. Tive amigas; a Fernanda foi, aquela menina do olho azul, a Isabel, foi estagiária comigo, que não eram professoras. Eu tive muitas. A Sheila. E a primeira coisa que eu dizia: observem as crianças. Outra coisa: não fazer julgamento. Não existe julgamento aqui. Está lindo, está feio, está torto, não é? Então não façam nenhuma crítica. Pergunte: você gostou? Eu, um dia tive uma lição fantástica lá no Rio, na minha escolinha, uma criança fez uma cena, assim completa, linda, maravilhosa. Sabe dessas que você tem vontade de dizer: me dê que eu quero levar pra minha casa. Quando ele acabou, ele pegou um lápis de cera preto, e cobriu todinho. Hummmm, aquilo foi um (?), mas claro que eu não ia interferir. Aí eu disse: nossa! você resolveu cobrir todinho esse aí? Não Vera, você não entendeu? Está chovendo.(risos) já pensou se eu tivesse feito um julgamento? Você não entendeu, é porque está chovendo. A chuva, porque a criança vai pondo pra fora todo o sentimento, que ela vive, não é? Deve ter tido uma chuva grande no ambiente que ele estava, ele se lembrou e cobriu com chuva. Então eu dizia: não julguem e nem a gente podia: ah que lindo, vamos expor. Isso não existia. A gente botava num secador, pra secar, ou pendurava pra secar, dependendo da técnica e não de ficar exibindo e tudo, porque você também corre o risco de você elogiar uma forma bonita, vamos dizer numa casa, o que você adulto acha parecido com a verdade, a criança pra lhe agradar vai ficar fazendo só aquilo. O trabalho é dela. Tinha criança que fazia e rasgava. Não gostava, não queria, rasgava. Não é? Você vai fazer o que? O trabalho é dela. Então, esse respeito, da criança, da criatividade, e tudo, existia. Sempre! Na Escolinha e em todas as escolinhas que eu trabalhei. Respeito à criança e incentivo.

Fred: *mas fizeram exposições não é?*

Vera: *fizeram. Mas exposição é diferente. Você vai por todos. Você não vai é pegar o trabalho de uma criança que fez uma coisa linda botar aqui, botar em quadro. Vamos botar isso num quadro. Não, a criança gosta, se a criança quer, aí dá pra você. Aí você faz o que você quiser ...,*

Suzi: *enfeitar a sala com desenho, colocar, a gente sempre colocou coisas de crianças, mas não foi com essa ideia de ..., foi mais com a ideia de colorir, do que com a ideia de ficar, analisar ou comentar; não existia essa coisa. Como também não existia a ideia ..., a gente ensinava técnica para as crianças, e soltava. Raramente, porque depois eu vi várias vezes, a arte voltada, usando um artista como inspiração. Nos estilos não tinha essa preocupação. O artista podia aparecer em outra hora. Como uma história, aproveitava a situação, qualquer coisa assim. Mas não, hoje nós vamos dar aula de arte pra vocês e a gente vai ter aula de Monet, de Picasso, ou qualquer coisa que seja. Não existia isso. A ideia maior era ensinar técnica. E a criança usava a técnica como a gente ensinava ou mostrava a técnica ou ela mesmo inventava uma outra técnica. De incrementar material, experimentar ...*

Vera: *elas podia misturar, elas misturavam as vezes ...,*

Fred: *vocês chegaram a ensinar mesmo mistura de cores ...,*

Vera: *não, nada ...,*

Suzi: *aquela coisa de cores primárias, secundárias e não sei o que? Nada. Se descobriu fazendo a tinta, mas essa descoberta era da criança sozinha.*

Vera: *ela descobre sozinha,*

Suzi: *não tinha aula de cores, por exemplo, cores primárias, não tinha nada disso. Mas quando a gente estava preparando ..., uma coisa que pra mim é muito forte; é a coisa do coletivo. Todo o material era coletivo. A tinta é coletivo, o pincel é coletivo e até hoje eu não sei porque as escolas não aprenderam a trabalhar com isso, porque existe uma riqueza de material muito grande pra época. Porque se eu entrasse numa papelaria para comprar as coisas agora, eu ia ter um enfarte. Mas pra época a gente tinha uma riqueza muito grande porque a gente comprava tudo que era tipo de material, tinta, pincel grosso, fino, chato, etc. e tal. O giz de cera era, lembra Vera, numas cestinhas.*

Vera: *numa cesta, é, e as cestas ficavam assim no meio das mesas, e eles iam tirando, escolhendo e devolvendo, entendeu?*

Suzi: *a gente preparava o guache para aquele dia, nos potinhos, nas vasilhinhas, sei lá o que. Tinha umas técnicas lá pra preparar guache, não era guache pronto e nem era o meu guache, nem o guache da Vera, era o guache pra todo mundo. E as vezes eles queriam ajudar a preparar o guache. Porque a gente misturava com cola, com goma, com água, não sei que, ou mais grosso, ou mais fino, etc. e tal e eles faziam as misturas deles. E às vezes eles queriam misturar ou brincar de preparar do jeito deles. Aí tinham vários potes e aí eles ficavam misturando e fazendo ..., Eles preparavam anilina, não comprava anilina aqui.*

Vera: *anilina eles adoravam. Tinha várias técnicas com água sanitária. Nanquim, no papel molhado. Aquilo dava efeitos maravilhosos. E uma técnica que eu, ... essa aí a gente ficava com cuidado, mas eu fazia questão que eles passassem pela experiência. É a técnica de queimar o lápis de cera numa vela acesa. Todos eles se queimavam um pouquinho. Pingava um pouco. Faz parte do aprendizado, porque antes, naturalmente, eu explicava, cuidado, não pode demorar muito, e pode cair no dedinho, não é? E*

*vai arder. Explicava. Mas era uma coisa que era fascinante pra eles. Fogo sempre foi fascinante, não é? Então eles ficavam e a gente ali com cuidado, e aí: aiiii, queimou aqui. Mas eles queimavam a primeira e a segunda e pronto, não queimava mais, que aprendia. Eles tinham que pegar na ponta do lápis, a tomar cuidado. Mas eles tinham uma variedade de técnicas, nós tínhamos na Escolinha uma variedade de técnicas muito extensa.*

*Fred: vocês chegaram a trabalhar com tempera, não? Esses dias nós fizemos uma aula dessas lá na escola e eu achei fantástico. Quer dizer, é uma coisa que se usava muito antigamente, não é?*

*Suzi: do que que é isso?*

*Fred: terra, você pega a terra e macera aquilo e...,*

*Vera: usa clara de ovo, não é? O Beni era que sabia desta ...,*

*Suzi: tem uma região lá do CTA que nós chamávamos de terra colorida, a própria terra já era fatiada de cor, mas também faziam essas coisas.*

*Vera: teve muitos artistas antigos que usavam essas tintas. Eram eles que faziam suas próprias tintas. Não, nós não chegamos a trabalhar. Você quer ver uma técnica boa, a Suzi era boa nisso; era picotar páginas coloridas, cortar, você fez coisas lindas tipo mosaico.*

*Suzi: o papel da revista Time, a cor era muito boa perto das outras revistas. E aí eu fiz, mas isso aí era lá em casa.*

*Vera: outra bonita também era de papel preto com jornal. Eles rasgavam e iam colando o jornal.*

*Suzi: aqui tem um monte de técnica (livreto: Técnicas de arte recomendações e objetivos), que eu fiz com a minha mãe quando ela foi pra prefeitura.*

*Fred: vocês tinham bastante literatura sobre...,*

*Vera: não, nós tínhamos uma estantezinha com livros de história para crianças.*

*Suzi: você está falando de literatura pro adulto?*

*Fred: mas sobre a técnica pra arte, não?*

*Vera: ah, não.*

*Suzi: a minha mãe tinha muita literatura e ela que dava pra gente ler e vinha com coisas e quem chegava trazia um monte de coisa, mas livros com técnicas, com regras não. , você falou de literatura eu pensei nos adultos, não nas crianças. Minha mãe tinha uma capacidade de forçar todo mundo a ler que era uma ...,*

*Vera: quando a criatura não lia ela dava de presente. (risos)*

*Suzi: a gente não tinha planejamento, mas tinha muita reunião, muita conversa assim de ..., eu acho que era muita ..., era a forma que ela encontrava de sentar, ela adorava café, sentar pra conversar e a gente ..., nessa época a gente fumava.*

*Mas o que eu achei legal e achei sem querer, então tem várias técnicas, achei muita coisa que minha mãe escreveu. Na verdade eu fiz as técnicas. O que se deve fazer, o que podia fazer, o não podia fazer,*

*comportamento do adulto, algumas coisas que ela chamava de “regrinhas”, minha mãe detestava diminutivo, cadeirinha, reguinha, mas apareceu regrinha aqui. Então isso, é aí que tinha algumas técnicas, não sei se era pra estágio ou se ela estava ...,*

*Vera: pois é, porque um período, ela ...,*

*Suzi: queria mudar a (?) das normalistas e dos professores do mundo. Então, mesmo dando aula de filosofia, história da educação. Aí, por acaso eu guardei isso aqui (livreto).*

*Vera: ele (Beni, professor) era nosso mentor. E a Ivonne eu não preciso dizer, que não só era amiga, adorava, como eu sugava, tudo que eu podia da Ivonne. Ela foi a criatura mais inteligente das que eu já conheci. Uma das mulheres mais inteligentes.*

---